

O estilo jornalístico

(The journalistic style)

Juliana Regina Pretto

Centro Acadêmico de Letras Modernas – Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

pretto@utfpr.edu.br

Abstract: In this paper, ten books published between 1960 and 2007 by authors who came from the print media were analyzed, aiming at verifying how they treat the question of the journalistic style, and also at the notion of the style they use. Analyzing such literature, we noticed the tendency to prescribe patterns and recommendations, which are justified by a pretense neutrality of the journalistic discourse. Besides, we notice little reflection, by the authors, on their own concept of style. In this paper, it is presented a notion of style to be applied to the journalistic style, as well as examples of analyses of texts in this area.

Key words: journalistic literature; print media; choice of journalistic language.

Resumo: Neste trabalho foram analisados dez livros de autores da área jornalística, publicados de 1960 a 2007, com o objetivo de averiguar como tratam a questão do estilo jornalístico, bem como a noção de estilo que utilizam. Analisando tal literatura, percebeu-se a tendência de prescrever normas ou recomendações, as quais são justificadas por uma pretensa neutralidade do discurso jornalístico; além disso, nota-se também pouca reflexão dos autores da área sobre o próprio conceito de estilo. Neste trabalho apresenta-se uma noção de estilo a ser aplicada ao estilo jornalístico e exemplifica-se com a análise de textos da área.

Palavras-chave: literatura jornalística; jornalismo escrito; escolha da linguagem jornalística.

Introdução

Os manuais de redação jornalística versam, entre outros temas, sobre o estilo jornalístico, servindo de base para o trabalho e estudo de jornalistas e estudantes da área. Objetivando padronizar a sua linguagem, muitos jornais publicam seus próprios manuais de estilo. Esses manuais e livros técnicos possuem a finalidade de “descrever e difundir o modo pelo qual é feita a padronização dos elementos lingüísticos presentes na imprensa”; eles surgiram a partir do processo de modernização dos jornais, sendo divulgados e comercializados (Melo, 2004, p. 30). Neste trabalho busca-se, principalmente, averiguar como a literatura dessa área, especificamente os livros que tratam da redação do jornalismo impresso, apresentam questões relacionadas ao estilo dos textos jornalísticos.

Na primeira parte deste trabalho, faz-se uma pesquisa em livros de 10 autores da área de jornalismo, publicados de 1960 a 2007, averiguando como tratam a questão, bem como a noção de estilo da qual lançam mão. Na segunda parte, apresenta-se um conceito de estilo mais adequado à análise dos textos, e a sua aplicação é exemplificada com textos jornalísticos.

O Estilo Jornalístico segundo a Literatura da Área

Analisando os manuais de redação jornalística, percebe-se que, de uma maneira geral, eles explicam como deve ser o estilo jornalístico e estabelecem normas ou recomendações sobre como o jornalista deve proceder ao escolher a linguagem empregada nos seus textos; apenas 2 dos autores pesquisados explicam, muito ligeiramente, o que entendem por estilo. Esses dois autores são Amaral (1978b) e Beltrão (1969): para o primeiro autor, “estilo é o espelho da sensibilidade de um artista” (Amaral, 1978b, p. 55) e, para o segundo, “é o caráter próprio que o artista ou literato dá às suas obras, em virtude das suas faculdades ou meios de expressão” (Beltrão, 1969, p. 37).

Segundo Lima (1960), a objetividade é um traço natural do jornalismo como gênero e determina as características intrínsecas do estilo jornalístico. O autor afirma, ainda, que um jornalista tem que ser preciso em seu estilo para não correr o risco de situar-se fora do jornalismo e cair no conto, na ficção. Uma consequência da precisão é a concisão; o melhor modo de ser preciso é ser conciso, empregando o menor número de palavras, as quais devem ser as mais adequadas. Além disso, o estilo jornalístico exige clareza de idéias, separando no fato objetivo o que é essencial do que é accidental.

Para Beltrão (1969), o estilo jornalístico se caracteriza por cinco qualidades subjetivas: correção, clareza, precisão, harmonia e unidade. A correção é o conhecimento das normas gramaticais; clareza, a exposição objetiva, concisa e simples dos fatos; harmonia, a qualidade pela qual se mantém o ritmo próprio de cada gênero; precisão, o emprego exato do número de palavras necessárias; unidade, a coordenação das idéias, situando-se as idéias principal e secundária. A redação jornalística deve ter períodos simples e curtos; deve ter construção clara e simples, evitando-se palavras pouco usadas, exóticas, técnicas e preciosas; deve começar por uma frase decisiva, evitando-se explicações de circunstâncias secundárias; deve ser precisa no vocabulário e sóbria na adjetivação; finalmente,

deve contribuir para elevar e não para degradar o idioma, evitando-se os plebeísmos, a tentação de cair do nível médio de cultura para atender a determinado público menos ilustrado ou apaixonado, utilizando expressões da gíria ou conceitos e julgamentos soezes, muitas vezes expressos ao calor das paixões do momento. (BELTRÃO, 1969, p. 39)

De acordo com Amaral (1978), o estilo jornalístico se caracteriza por ser claro, direto, conciso, fácil e acessível a qualquer leitor. Para escrever um bom texto, o jornalista deve usar frases breves, palavras curtas, vocábulo usual, estilo direto (ordem direta das frases – sujeito, verbo e complementos), adjetivos adequados e verbos vigorosos, de ação, sempre na forma ativa; deve evitar ser negativo.

Para Letria e Goulão (1982), a clareza e a simplicidade são as duas exigências principais da linguagem jornalística, pois a clareza conduz o leitor a compreender os fatos e a simplicidade se manifesta na estruturação do texto por meio do alinhamento dos fatos uns após os outros. Assim, ser claro é “construir frases acessíveis a pessoas de diferentes níveis culturais” e ser simples é evitar “o abuso de orações intercalares, de parêntesis, da descrição de pormenores irrelevantes” (LETRIA e GOULÃO, 1982, p. 93). Segundo estes autores, manuais jornalísticos do mundo todo têm a preocupação de definir algumas normas para escrever num estilo jornalístico claro e simples e, procedendo da mesma forma, também expõem as suas normas, especificando que se deve evitar a utilização de lugares comuns e frases feitas; o uso de adjetivos, que atrapalham a objetividade; o abuso de metáforas, conjunções e pronomes; o vocabulário rebuscado; a linguagem demasiado técnica; idéias e palavras supérfluas; repetições excessivas, cacofonias, rimas e sucessão de sons iguais. Para eles, a síntese é fundamental para a clareza, bem como os parágrafos curtos, os verbos no modo indicativo e a voz ativa.

Segundo Martins Filho (1987), o texto jornalístico deve conter linguagem clara, precisa, direta, objetiva e concisa; o estilo jornalístico está entre a linguagem literária e a falada, sendo devido a isso necessário evitar tanto o rebuscamento quanto a gíria e o coloquialismo. É necessário evitar os modismos, preciosismos, termos técnicos, hermetismo e lugares comuns; expressões coloquiais e gírias devem ser usadas com parcimônia, em casos especiais, como citações, para não dar idéia de vulgaridade e para que não se tornem novos lugares comuns. Também é necessário evitar fórmulas semelhantes de títulos na mesma página ou na primeira página e no interior do jornal.

Segundo o *Manual de estilo da Editora Abril* (1990), não se deve escrever nos textos jornalísticos frases feitas, lugares comuns e jargões, bem como gírias e regionalismos. Os termos chulos, obscenos, escatológicos e vulgares são condenáveis, porque podem ofender uma parcela dos leitores; eles devem constar somente em citações, quando for indispensável, grafadas com a primeira letra, seguida de reticências. Segundo esse manual, a linguagem jornalística deve ter clareza, preferir a ordem direta das palavras e frases curtas; o jornalista deve usar somente palavras necessárias, precisas, específicas, concisas e simples. Os adjetivos e advérbios devem ser usados apenas quando necessário e os títulos devem conter frases curtas e poucas palavras.

Para o *Manual de Redação e Estilo O Globo* (1992), o estilo jornalístico deve ter três requisitos: exatidão, clareza e concisão. O texto jornalístico deve ter originalidade, detalhes que ajudem o leitor a visualizar uma situação, simplicidade na explicação, respeito pela inteligência do leitor e pela sua ignorância; a ironia deve ser “sempre leve, jamais ofensiva em nível pessoal e sempre acessível a inteligências medianas” (*Manual de Redação e Estilo O Globo*, 1992, p. 20). São defeitos de um mau texto jornalístico: pedantismo, verbosidade, opinião em texto supostamente noticioso, ambigüidade, inexatidão, divagações, comentários genéricos, lugar-comum, repetição, redundância, contradição, detalhes inúteis ou óbvios e humor grosseiro (principalmente com trocadilhos).

Para Lustosa (1996), o texto de uma notícia deve ter quatro elementos fundamentais: objetividade, com informações sobre o fato principal, sem valorizar os detalhes; clareza, o jornalista deve tratar somente do que ele sabe a respeito do fato;

concisão, não podendo ser prolixo; precisão, devendo dar informações exatas e não aproximadas sobre os fatos.

Noblat (2002), embora previna o leitor de que não há receita para escrever um bom texto jornalístico, também enumera algumas sugestões para o jornalista: escrever com simplicidade, concisão, clareza e precisão, utilizando a ordem direta das palavras e frases curtas e evitando chavões; também destaca que os adjetivos, bem como a expressão de opiniões pessoais, são recursos a serem usados com parcimônia.

Vieira e Vieira (2007) fazem algumas recomendações para a escrita de um texto jornalístico: deve-se escrever com precisão, clareza, economia vocabular e simplicidade. O jornalista deve preferir palavras simples e específicas e evitar repetições, cacofonias, galicismos fraseológicos, adjetivação, clichês e chavões.

O quadro abaixo sintetiza as informações expostas anteriormente sobre a definição do estilo jornalístico de acordo com a literatura da área.

Quadro 1: Estilo jornalístico segundo a literatura da área.

Autores	Recursos recomendados	Recursos a serem evitados
Lima (1960)	Objetividade, precisão, concisão e clareza.	O autor não menciona recursos a serem evitados.
Beltrão (1969)	Correção, clareza, precisão, harmonia e unidade. Períodos e parágrafos curtos Construção clara e simples Começar por uma frase decisiva Precisão no vocabulário Sobriedade na adjetivação	Explicações de circunstâncias secundárias Palavras pouco usadas, exóticas ou técnicas Frases rebuscadas ou preciosas Plebeísmos Gírias
Amaral (1978 e 1978b)	Estilo claro, direto, conciso e fácil. Frases breves Palavras curtas Vocabulo usual Estilo direto Adjetivos adequados e verbos vigorosos, de ação, sempre na forma ativa.	Evitar ser negativo.
Letria e Goulão (1982)	Clareza e simplicidade. Alinhamento dos fatos uns após os outros Parágrafos curtos, verbos no modo indicativo e voz ativa.	Abuso de orações intercalares e parêntesis Descrição de pormenores irrelevantes Abuso de metáforas, conjunções e pronomes Lugares comuns e frases feitas Uso de adjetivos Vocabulário rebuscado, linguagem técnica Idéias e palavras supérfluas Repetições, cacofonias, rimas e sucessão de sons iguais.

Martins Filho (1987)	Linguagem clara, precisa, direta, objetiva e concisa Título em poucas palavras e com verbo no presente do indicativo.	Rebuscamentos Gírias, coloquialismos e modismos Preciosismos e hermetismo Termos técnicos Lugares comuns Repetição de palavras Fórmulas semelhantes de títulos na mesma página ou na primeira página e no interior do jornal.
<i>Manual de estilo da Editora Abril</i> (1990)	Clareza. Ordem direta das palavras Frases curtas Uso somente de palavras necessárias, precisas, específicas, concisas e simples Títulos com frases curtas e poucas palavras.	Frases feitas e lugares comuns Jargões Gírias Regionalismos Termos chulos, obscenos, escatológicos e vulgares Abuso de adjetivos e advérbios.
<i>Manual de Redação e Estilo do jornal O Globo</i> (1992)	Exatidão, clareza e concisão. Originalidade Detalhes que ajudem o leitor a visualizar uma situação Simplicidade na explicação Respeito pela inteligência do leitor e pela sua ignorância	Pedantismo Verbosidade Opinião em texto supostamente noticioso Ambigüidade Inexatidão, divagações e comentários genéricos Lugar comum Repetição, redundância Contradição Detalhes inúteis ou óbvios Humor grosseiro (principalmente com trocadilhos).
Lustosa (1996)	Objetividade, clareza, concisão e precisão. Informações sobre o fato principal, sem valorizar os detalhes Tratar somente do que ele sabe a respeito do fato Informações exatas e não aproximadas sobre os fatos.	Prolixidade
Noblat (2002)	Simplicidade, concisão, clareza e precisão Ordem direta das palavras Frases curtas	Chavões
Vieira e Vieira (2007)	Precisão, clareza, economia vocabular e simplicidade Palavras simples e específicas	Repetições Cacofonias Galicismos fraseológicos Adjetivação Clichês Chavões

Em relação ao tratamento dado pela literatura da área de jornalismo à questão do estilo, três críticas precisam ser feitas. A primeira delas é a maneira prescritiva com que tal literatura impõe uma linguagem jornalística – reflexo da própria gramática normativa

– ao invés de partir de estudos descritivos realizados por especialistas. Assim, essa literatura dita ou prescreve regras, consideradas a única forma correta de realização de tal linguagem, ao invés de descrever as formas de expressão existentes, verificando em que situações são produzidas.

A segunda crítica refere-se à idéia de estilo jornalístico como estilo neutro. Clareza, objetividade, concisão, exatidão são os termos que mais surgem na literatura para caracterizar o estilo jornalístico. Quando os livros utilizam o termo objetividade, por exemplo, fica clara a consideração do estilo jornalístico como algo neutro ou impessoal, já que ser objetivo nesse caso significa expor somente o essencial e não selecionar informações ou uma linguagem em que transpareça a opinião do jornal. Pelo mesmo motivo os manuais restringem o uso de adjetivos, já que, ao adjetivar algo, lhe atribuímos um valor. Melo (2004), em um trabalho de análise de dois manuais de redação e estilo, constatou que a imprensa identifica o texto noticioso como completo e imparcial; a *língua da imprensa* é sustentada como transparente e, conseqüentemente, a imprensa ganha uma imagem neutra. Essa imparcialidade jornalística pressupõe que a língua possa ser transparente de forma a refletir os fatos da maneira que eles se apresentam. Assim, elementos lingüísticos disputariam graus diferentes de neutralidade; portanto, “A polêmica instaurada diz respeito ao tipo de língua usada pelo texto noticioso.” (Melo, 2004, p. 32). Essa autora afirma que essa descrição da informação jornalística transforma a linguagem num instrumento de transmissão neutro, independente do processo de socialização, como se fosse possível apagar vestígios de concepções de mundo no que se refere à seleção dos fatos e da língua adotada pela imprensa. A partir dessas observações, nota-se que a linguagem jornalística como algo imparcial, impessoal e neutro é inaceitável.

A terceira crítica é o fato de a literatura da área não se preocupar em ao menos tentar buscar um conceito geral de estilo para aplicá-lo ao estilo jornalístico. Os autores que o fazem se atêm pouco à questão, expondo noções aparentemente mais intuitivas do que teóricas. Os conceitos expostos por Amaral (1978b) e Beltrão (1969) levam em conta o estilo como um processo individual de criação do escritor, ou seja, não consideram possíveis fatores sociais envolvidos. Além disso, o conceito de estilo que esses dois autores apresentam nem sequer são coerentes com as normas ou recomendações que expõem, já que, se existem tais normas, o estilo jornalístico não é processo individualizado, que depende unicamente de cada jornalista, mas sim um processo motivado pelas relações sociais oriundas do próprio meio jornalístico.

Em Busca de um Conceito de Estilo Jornalístico

Conforme exposto anteriormente, fica clara a necessidade de buscar um conceito de estilo que possa ser aplicado ao estilo jornalístico dada a imprecisão do conceito em alguns casos e a inexistência dele em outros. Como se verá, a própria noção de estilo apresentou-se de maneira confusa na Estilística. Em um trabalho cujo objetivo é rever as noções de estilo presentes na Estilística e encontrar uma base comum para defini-lo, Chociay (1983) expõe treze tentativas de autores do passado e do presente de elaborar o conceito de estilo e mostra que elas apresentam-no como um fenômeno da linguagem, da linguagem literária ou da arte de modo geral. Segundo este autor, tanto na Lingüística quanto na Poética e na Estética, há um conceito comum de estilo, e tais conceitos estão fundamentados na realização individual de um padrão, confrontada com

outras várias realizações particulares do padrão. Assim, o estilo diferencia as várias realizações do padrão; em outras palavras, os conceitos de estilo consideram-no como desvio do padrão e como algo que depende dos sujeitos, de forma particular.

Na verdade, a noção de estilo é confusa também entre gramáticos e lingüistas, conforme indica Possenti (1993), pois tentam definir estilo com base em concepções de gramática ou de língua. Alguns gramáticos e lingüistas apresentam uma noção de estilo um pouco vaga e têm como referência a oposição entre língua e fala ou entre as funções da linguagem, colocando a gramática e o estilo como fenômenos separados. Para Possenti (1993), o problema da abordagem dos lingüistas em relação à definição de estilo está na concepção de língua e gramática. Para estruturalistas, a língua é uniforme e, assim, o estilo só pode situar-se fora da língua ou no âmbito da gramática, portanto, a estilística está sujeita a regras e é objeto de uma gramática.

Possenti (1993) propõe uma noção de estilo como escolha e marca do trabalho do sujeito na linguagem, inspirada na obra *Filosofia do Estilo*, de Granger. A escolha para Granger é um “traço constitutivo básico do estilo e, portanto, da individuação do resultado numa linguagem” (POSSENTI, 1993, p.156). A concepção de estilo de Granger está marcada pelo trabalho, o qual, por sua vez, está marcado pela escolha por uma forma de representação ou outra e baseia-se no sujeito constituidor, que constrói a linguagem, e não na linguagem propriamente. A escolha de uma linguagem e não de outra evidencia o trabalho de construção do sujeito, e a linguagem é o resultado dessa construção, porque “A existência do estilo em qualquer linguagem decorre do fato trivial de que nenhuma linguagem é o que é por natureza, mas sim como resultado do trabalho de seus construtores/usuários.” (POSSENTI, 1993, p. 167). O estilo está na maneira como o locutor constitui seu enunciado para obter determinado efeito e ocorre em qualquer linguagem, porque toda linguagem decorre do trabalho de seus usuários, ou seja, esta noção de estilo está associada às interações verbais. Por isso, os produtos do trabalho lingüístico são avaliados socialmente, recebendo determinados valores, e as formas lingüísticas são valoradas de maneiras diferentes, como mais ou menos elegantes, chulas, poéticas, formais etc. Esses valores dados às formas lingüísticas relacionam-se a traços culturais de valor estético, podendo variar conforme a época, e isso ocorre porque uma característica fundamental das culturas é “construir instrumentos não só eficazes para a função ou finalidade para qual são destinados, mas de também ‘estilizá-los’, isto é, construí-los de forma a terem também um certo valor estético” (POSSENTI, 1993, p. 169). Granger trabalha com a noção de estilo para compor uma estilística da atividade científica e Possenti (1993) assume esta concepção de estilo como escolha e marca de trabalho do sujeito partindo da hipótese de que, havendo escolha e estando ela relacionada ao trabalho do sujeito que usa a linguagem, essa escolha não está estruturada como a língua natural. Uma abordagem de estilo deve considerar o papel desempenhado pela forma na constituição do sentido, bem como o sentido como fator que condiciona a escolha de determinadas formas, porque a forma suscita certos conteúdos e o conteúdo suscita determinadas formas. Em relação às línguas naturais como resultado do trabalho, há duas questões envolvidas: o papel da coletividade na construção da língua e o papel do indivíduo em relação ao trabalho coletivo. Por um lado, no trabalho coletivo, há como resultado a individuação de um produto, uma língua; a individuação é “entendida basicamente como o conjunto de diferenças entre este produto e outros produtos.” (POSSENTI, 1993, p. 169). Por outro lado, no trabalho individual, o resultado é a individuação de um discurso e até mesmo

do próprio indivíduo, porque freqüentemente se adquire um modo peculiar de falar, pelo qual é possível ser identificado. Em outras palavras, temos um produto, a língua, resultante do trabalho coletivo, e outros produtos, resultantes do trabalho do indivíduo sobre a língua; portanto, por meio da individuação surgem os diferentes estilos da língua.

Segundo Possenti (1993), Granger nos força a ver o estilo em todos os tipos de textos, tanto num poema quanto em tipos de texto altamente tipificados, como um ofício, porque resulta de um trabalho destinado a apagar as suas marcas de individualidade. Um ofício tem como objetivo não apresentar marcas de individualidade, apesar de apresentar determinadas características que o individualizam, como local e data, por exemplo; isso significa dizer que um objeto padrão também tem um estilo. Pensando dessa forma, ou seja, que alguns tipos de textos podem ter um estilo resultante do trabalho de apagamento de marcas de individualidade, podemos deduzir que, de acordo com a literatura de jornalismo, o estilo jornalístico apresenta o apagamento de marcas de individualidade, devido às afirmações de que a linguagem jornalística ser imparcial e impessoal, porque não deve deixar transparecer a opinião do jornalista ou do jornal. No entanto, os textos jornalísticos não são tão tipificados – se os comparamos com um ofício, por exemplo – e não possuem essa objetividade jornalística.

Tomando para este trabalho a discussão de Possenti (1993) sobre estilo como escolha e marca do trabalho, podemos dizer que o estilo jornalístico é o resultado da escolha feita pelo jornalista ou pela linha editorial do jornal. No entanto, o que determina essa escolha? Segundo Possenti (1993), as diversas construções possíveis são alternativas, seleções do locutor segundo o ponto de vista e o lugar de onde fala. Assim, podemos afirmar que, em relação ao texto jornalístico, as seleções feitas pelo jornalista dependem do estrato social¹ do leitor, como ficará mais claro a seguir.

Para exemplificar a noção de estilo de Possenti (1993) na análise de notícias jornalísticas, vejamos o mesmo fato noticiado por dois jornais diferentes: vamos expor aqui uma nota publicada pelo jornal *Gazeta do Povo* e uma notícia do jornal *Tribuna do Paraná*; os dois textos apresentam os mesmos fatos, o assassinato de um policial civil pela esposa, também uma policial civil.

Em relação a esses dois jornais publicados na capital paranaense, é importante mencionar que o primeiro é um jornal considerado sério e o segundo, um jornal sensacionalista, lido por estratos sociais menos favorecidos². O jornal *Tribuna do Paraná* é distribuído exclusivamente em bancas, é o mais vendido da capital paranaense e dá grande destaque aos noticiários esportivo e policial.

Primeiramente segue a nota publicada no jornal *Gazeta do Povo*.

Policial civil é morto a tiro pela mulher

¹ Usa-se a noção de estrato social, ao invés de classe social. De acordo com Boudon e Bourricaud (1993), a noção de estrato é mais geral que a de classe; esta fundamenta-se na noção marxista, com base na posição dos agentes sociais no sistema de produção, enquanto a primeira inspira-se em Weber, tem como base indicadores de *status* e é descritiva, já que não trata das causas dos fenômenos de estratificação.

² De acordo com dados fornecidos pelo próprio jornal tendo como fonte números XLVII Estudos Marplan (2005), quanto à situação socioeconômica, 82% dos leitores pertencem à classe BC e 72% recebem até 10 salários mínimos; quanto à idade, 69% têm de 20 a 49 anos; quanto à formação acadêmica, 42% possuem o ensino médio (completo ou incompleto).

O policial civil José Dias de Almeida, 46 anos, foi assassinado ao meio-dia de ontem com tiros disparados por sua mulher, a também policial Iara Marques Drapalski, 35 anos. Segundo a Delegacia de Homicídios, o casal vinha há três meses em um processo de separação. Ontem, durante uma briga, Iara atirou contra Dias, que morreu na hora. Os dois policiais estavam afastados de serviço, ela para tratamento psicológico e ele por extorsão. (Gazeta do Povo, 23/09/2003)

O título do texto apresentado acima contém o acontecimento principal sobre o crime, o assassinato do policial civil pela sua esposa, mas ele não expressa o fato de esta ser também uma policial. No corpo do texto, explica-se que eles eram dois policiais, estavam em processo de separação e ambos estavam afastados das suas funções; note-se que, ao justificar os afastamentos dos policiais, o jornal tenta apagar marcas de individualidade, colocando, por um lado, o estado psicológico alterado da agressora e, por outro, a acusação de extorsão que pesa sobre a vítima. Esses dois fatos são escolhidos com a finalidade de tentar atribuir neutralidade ou imparcialidade ao texto, pois nota-se a opção por não se posicionar do lado da vítima; essa escolha representa a marca do trabalho do jornalista na linguagem.

Já na notícia publicada no jornal Tribuna do Paraná, temos os seguintes elementos.

Elementos presentes na primeira página:

Briga de Marido e Mulher

Policial mata policial

Investigadora Iara Marques perdeu a cabeça durante a discussão e meteu três balaças no “tira” José Dias. Eles estavam em processo de separação há três meses. História completa na página 8.

Elementos presentes no interior do jornal:

Violência doméstica/ casal de policiais repete cena das ruas dentro de casa

Investigadora mata marido

O que seria mais uma discussão entre o casal de policiais civis terminou em tragédia ao meio-dia de ontem, na casa dos investigadores, na Rua Pretextado Tabora Júnior, 282, no bairro Santa Quitéria. A investigadora Iara Marques Drapalski, 35 anos, matou com três tiros o seu ex-marido, o policial José Dias de Almeida, 46 anos.

De acordo com informações colhidas por policiais da Delegacia de Homicídios, o casal estava em processo de separação há três meses, o que fez com que Iara ficasse muito abalada psicologicamente. Por este motivo ela estava lotada no Grupo Auxiliar de Recursos Humanos (GARH) da Polícia Civil e Dias na sede do departamento.

Discussão

O casal discutia na sala da residência. Como aquilo já era normal, a mãe de Iara, que estava na casa, acreditou que seria apenas mais uma briga. De repente, ouviu os estampidos. Foram três tiros. Dois acertaram o peito do policial e outro a barriga. Em seguida Iara chamou um táxi e fugiu.

Atingido fatalmente, Dias nem teve tempo de ser socorrido. Ele morreu ali mesmo na sala. A Polícia Civil e o Instituto Médico-Legal foram acionados. Devido ao fato de tanto a vítima como a autora serem policiais civis, a imprensa não foi acionada. Só mais tarde apurou o que se passou no bairro Santa Quitéria.

Providências

O delegado Stélio Machado informou que aguarda que a policial se apresente nas próximas horas para dar sua versão aos fatos. “Soubemos que ela estava muito abalada com a separação e fazendo tratamento médico”, salientou o delegado.

Antes de ser lotado no Departamento de polícia, Dias foi superintendente da Delegacia de Antitóxicos e do 8º Distrito por bastante tempo. Já Iara estava lotada em Rio Negro antes da separação e depois foi para o GARH, devido a seu estado emocional. (Tribuna do Paraná, Curitiba, 23/9/2003)

Os títulos da notícia da Tribuna do Paraná dão mais detalhes sobre o fato, explicam que a esposa do policial também era uma policial e que o casal estava em processo de separação, além de fazer uma avaliação sobre o fato ao afirmar que o “casal de policiais repete cena das ruas dentro de casa”. Há alguns itens lexicais na notícia que também a diferenciam do texto publicado na Gazeta do Povo, são eles *briga de marido e mulher*, *perdeu a cabeça*, *meteu três balaços* e *tira*. Há, portanto, o uso de expressões coloquiais ou informais; inclusive a primeira delas se refere a um ditado popular. Os recursos presentes na notícia do jornal Tribuna do Paraná nos conduzem a um leitor de estratos sociais desfavorecidos, e o que nos leva a essa conclusão é o tipo de expressão informal destacadas acima. No corpo da notícia, também está expresso o estado psicológico abalado da agressora, mas em parte alguma é mencionada a acusação de extorsão contra a vítima – fato destacado pelo jornal Gazeta do Povo. Isso pode revelar que este jornal procura não divulgar elementos negativos a respeito da vítima. Além disso, no corpo da notícia, não há a mesma linguagem informal presente nos títulos.

Essa diferença de estilo das duas notícias confirma o que Possenti (1993) diz sobre a seleção feita pelo locutor estar de acordo com o seu ponto de vista e o lugar de onde fala; as escolhas feitas pelo jornal ou jornalista são determinadas pelo seu ponto de vista, ou melhor, pelo ponto de vista do leitor que ele quer atingir, tendo, portanto, relação com o estrato social do leitor. A tentativa de imparcialidade e neutralidade presente no jornalismo, o que Possenti (1993) chama de apagamento das marcas de individualidade, ocorre porque o jornalista que escreve para o jornal considerado sério, tendo em vista um leitor de estratos sociais mais favorecidos, prima por uma linguagem que esteja dentro da norma padrão e que possa agradar o seu público-alvo. Por isso os manuais de redação recomendam a não utilização de gírias ou expressões vulgares, pois estas podem desagradar o seu público, bem como a não utilização de regionalismos, preciosismos, rebuscamentos ou linguagem técnica, já que precisa garantir o entendimento por parte dos leitores. A linguagem informal, com o uso de coloquialismos e gírias utilizada pelo jornal Tribuna do Paraná também tem a finalidade de aproximar o jornal do seu leitor, o público de estratos sociais menos favorecidos.

Com a análise desses dois textos jornalísticos, confirma-se a idéia de que as seleções feitas pelos jornalistas dependem do estrato social do leitor do jornal e da imagem que o jornal tem de seus leitores. Confirma-se também a importância de buscar um conceito de estilo jornalístico que dê conta de analisar os textos jornalísticos descritivamente, partindo das formas de expressão neles existentes e verificando em quais situações são produzidas, ao invés de ter uma postura normativa, prescrevendo regras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. *Jornalismo, matéria de primeira página*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1978. 207 p.

AMARAL, L. *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978b. 189 p.

BELTRÃO, L. *A imprensa informativa*. São Paulo: Folco Masucci, 1969. 424 p.

BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993. 652 p.

CHOCIAY, R. Em busca do estilo. *Alfa*, São Paulo, n. 27, p. 65-76, 1983.

GAZETA DO POVO. Policial civil é morto a tiro pela mulher. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 23 set. 2003. p. 09.

LETRIA, J. J.; GOULÃO, J. *Noções de jornalismo: História e técnica*. Lisboa: Horizonte, 1982. 154 p.

LIMA, A. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1960. 80 p.

LUSTOSA, E. *O texto da notícia*. Brasília: UNB, 1996. 194 p.

Manual de Redação e Estilo O Globo. São Paulo: Globo, 1992. 171 p.

Manual de estilo Editora Abril. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 93 p.

MARTINS FILHO, E. L. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997. 400 p.

MELO, S. H. D. O discurso da neutralidade na imprensa. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.5, n.1, p. 29-40, jul./dez. 2004.

NOBLAT, R. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2002. 174 p.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 297 p.

RODRIGUES, C. C. A notícia de jornal: tipo ou atualização do tipo narrativo. *Alfa*, Araraquara, v.35, p.135-159, 1991.

Van DIJK, T. A. *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós, 1992.

_____. *La noticia como discurso*. Barcelona: Paidós, 1996.

VIEIRA, J. A. M.; VIEIRA, A. M. *Jornalismo e editoração*. Florianópolis: Ledix, 2007. 96 p.

XLVII Estudos Marplan/EGM, 2005. Disponível em:

<<http://www.gppcom.com.br/secao/?op=ver&id=17&tipo=Tribuna>>. Acesso em: 25 jun. 2006.

TRIBUNA DO PARANÁ. Briga de marido e mulher – Policial mata policial. *Tribuna do Paraná*, Curitiba, 23 set. 2003. p. 8.

